

A Cultura Funerária Brasileira e os Viajantes Oitocentistas: A Morte sob os Olhos de Estrangeiros

Gabriel Cavalcante Cordeiro

Resumo: Temática importante no âmbito da Nova História Cultural, a História da Morte no ocidente cristão conforme definição de seu expoente autor Philippe Ariès é envolta de uma problemática que gira em torno de sua aproximação e ou afastamento dos aspectos religiosos cristãos; a chamada dessacralização, processo de origem iluminista supostamente percorrido pelos países ocidentais cristãos. Esse processo englobaria inicialmente as ciências e a organização em si do Estado Moderno e Contemporâneo, e posteriormente seria observável no comportamento e cultura popular.

A morte de uma pessoa é associada à dor e ao luto em diversas culturas. O uso de cores como o branco (no caso de certas culturas africanas), e o negro para as culturas cristãs, no simbolismo do luto, são apenas pequenos fragmentos de toda uma cultura e ritualística complexa, e o século XIX foi um marco que definiu o princípio do fim de diversas tradições fúnebres no Brasil. Apesar de Ariès estipular os séculos XVIII e XIX como princípio e fim da dessacralização dos funerais na Europa, no Brasil esse processo é relativizado, tanto no quesito tempo, já que se observam religiosidades bastante evidentes até fins do século XIX, quanto no quesito espaço, considerando as particularidades regionais que enriquecem nossa História. Parte importante do cotidiano brasileiro, mesmo nos primeiros anos de sua existência como Estado no século XIX, quando boa parte da Europa se via cercada pela Revolução Sanitarista, os ritos fúnebres e suas particularidades impressionaram os viajantes oitocentistas europeus e norte-americanos que visitaram o Brasil.

Frente a isso busco nesse trabalho reconstruir e problematizar o tema da morte no Rio de Janeiro, bem como seus rituais e costumes, segundo a visão obtida nos relatos de viajantes que por lá passaram, juntamente com a bibliografia correspondente para ir além, na compreensão da religiosidade popular em seu esforço para a ratificação da salvação da alma; cuja parte final e decisiva se dava no fim da vida. Inicialmente proponho uma exploração de determinados relatos, para logo após completar estes com considerações importantes sobre os Ritos Fúnebres de adultos livres, negros e crianças, respectivamente, para então terminar numa reflexão sobre os viajantes.

Ao fim percebe-se o afastamento e estranhamento dos viajantes estudados, com a cultura funerária brasileira. Desse modo os viajantes, a maioria de origem inglesa e estadunidense e formação cristã protestante, apontam minúcias da cultura funerária, que um relato de um morador local não apontaria. Ajudando assim a entender mais sobre a cultura popular funerária do Brasil. Conclui-se daí o valor de tal fonte para o estudo da ritualística da morte, e da mesma forma a riqueza e especificidade da cultura fúnebre local, o que possibilita assim, o prosseguimento, aprofundamento e valorização do estudo sobre a religiosidade popular acerca da morte.

Palavras-chave: viajantes; morte (rituais); religiosidade popular; século XIX;

Os Funerais Segundo os Viajantes

Em passagem pelo Brasil o inglês Thomas Ewbank¹ observou interessantes particularidades relativas aos costumes funerários daqui. Fecham-se as janelas e as portas da frente, raramente fechadas, assim que uma pessoa morre na casa. O moribundo, mantido antes da morte no melhor quarto da casa, era preparado por um agente funerário (usou-se a expressão ‘undertaker’) ou irmão da Ordem que o morto era associado, para seu funeral e enterro à posteriori.

John Luccock observa que, no funeral de um adulto livre, presenciado por ele no Rio, o corpo é trazido à noite pelas ruas numa espécie de liteira aberta (algo semelhante a um tabuleiro) ou caixão, coberto de veludo negro, enfeitado de fitas douradas e munido de oito alças. Por ser razoavelmente baixo o ataúde, o corpo era deixado inteiramente exposto à vista. Quando observa leves movimentos do morto durante a procissão o viajante, supõe ser devido ao clima quente, que os músculos se enrijecem mais devagar.

Ewbank aponta que as mulheres casadas, eram posicionadas no caixão (ou tabuleiro) com os braços cruzados e as mãos apoiadas em seu cotovelo oposto; já as não casadas eram colocadas com as mãos fechadas em adoração. No caso dos homens e das crianças do sexo masculino, suas mãos eram cruzadas por sobre o peito. Adornos eram colocados em volta e sobre o corpo, como galhos cruces, sendo estes retirados antes do enterro.

Assusta-se, Luccock, ao perceber que o morto não é levado em passo lento, como de alguém que sofre dor profunda, mas numa “pressa indecente, uma espécie quase que de corrida, em meio de alto vozerio e com um ar de grosseira alegria”.² A pessoa é coberta de galantes atavios de um dia de festa, o rosto pintado, os cabelos empoados e a cabeça enfeitada por uma guirlanda, ou coroa de metal; Ficando, assim, o defunto, em condições de aparecer ao Juiz supremo das almas, supostamente causando-o uma excelente impressão.

Anos depois Daniel Kidder observa alguns detalhes, como as vestimentas dos que participavam do cortejo: familiares, portadores de tochas, cocheiros, todos usando vestes negras. Todos eram organizados de forma que se criasse um efeito de imponência aos que assistiam a tudo. Já no caso do morto, percebeu-se o uso de maquiagem, e de roupas e panos associados à irmandade pertencente. A maquiagem era um costume associado, por Victor-Athanase Gendrin, à devolução do aspecto que ele tinha quando era vivo, lábios e face avermelhados.

A pompa era característica constante. Kidder define como “Procissão Triunfal” um dos funerais que assiste³. O marinheiro norte americano C. S. Stewart é mais enfático ao dizer que foi esplêndido, sendo esse o único fato que o interessou em toda a visita à, então, capital nacional. Era usada uma “grandeza real” na realização de tal cerimônia. Ewbank aponta valores acima dos \$1000 milréis⁴. Vailati aponta casos em que a família se afundava em dívidas para que fossem pagos os cerimoniais fúnebres⁵. Investimento tal que alimentava a imaginação destes visitantes, como Dabadie que uma vez ao presenciar um funeral espalhafatoso, chegou a pensar ser de algum príncipe, ou talvez um político de grande poder, como um senador, quando na verdade se tratava de uma pessoa de origem modesta.

O morto é então colocado no chão à porta da Igreja, ficando ainda por um tempo exposto ao público. Sobre a excessiva exposição do morto, Luccock especula ser devido ao fato de serem constantes os casos de crimes de assassinato na cidade. No caso, a visão do corpo provaria o corpo inviolado, o que aparentemente significava a integridade do moribundo, assim como demonstrava a paz com que a alma se foi.

Os padres então recebem o corpo, executam os ritos da Igreja e o entregam aos que devem realizar as cerimônias supremas. Uma quantidade pequena de cal virgem é atirada. Para só então colocá-lo à sepultura, que, como observa o viajante, para pessoas de etnia caucasiana era sempre dentro de algum edifício sagrado. Costume que vigorou até a segunda metade do século XIX, quando houve sua proibição⁶, o que naturalmente causou insatisfação da Igreja, como expresso na Dissertação do Padre Luis Gonçalves dos Santos (o Padre Perereca).

O caixão não era enterrado com o corpo, como observam Luccock e Kidder, mas é conservado na igreja ou na sede da Irmandade, que o aluga para tais fins. Irmandades, que dotavam de cemitérios e realizavam as cerimônias de seus irmãos. Com o uso da cal, o corpo era mais rapidamente decomposto e depois de mais ou menos um ano, era aberto o túmulo, tirado os ossos para limpeza. Em alguns casos, como observa Kidder, os parentes mandam encerrar os restos em uma urna para que seja removida à casa⁷.

Talvez na ausência de signos e estandartes reais, simbologias de nobreza, para obter respeito, a população se valia de momentos como esse, para mitificar sua condição, frente ao restante da sociedade. O que não ocorria no caso dos enterros de escravos.

“Quão diferente do ‘pomposo e magnificante’ cerimonial fúnebre dos abastados é o enterro do pobre escravo. Nem tocheiros nem ataúde no diminuto cortejo”⁸. O trecho ao lado, foi retirado de uma das obras de Kidder, e fala por si próprio. Assim como demonstra Luccock, aparenta-se não haver muita diferença entre as cerimônias funerárias dos adultos escravos. Lembrando que na época do relato de ambos eram poucos os negros forros no Rio de Janeiro.

Não se tem muito registro nos relatos, do pré-morte ou das primeiras horas do escravo moribundo. John Luccock escreveu que, logo em seguida ao falecimento, o corpo era costurado dentro de uma roupa grosseira e era enviada uma intimação a um dos dois cemitérios no Rio destinados exclusivamente ao enterro de escravos, para que fosse feito. Após a resposta, que não demorava muito, companheiros chegam à casa, colocam o defunto em uma “...rede, dependuram-na num pau, e carregando-o pelas extremidades, levam-no através das ruas tal como se estivessem a carregar uma qualquer coisa”⁹.

Tal cerimônia acontecia normalmente durante a manhã. Descreve Kidder que esses cemitérios se resumiam a um terreno simples, fechado por muros nos quais eram pintadas figuras de cabeças de cadáveres. No caso da Santa Casa de Misericórdia, cujo cemitério era frequentemente usado por eles, eram abertas covas diariamente e em “promiscuidade” eram enterrados os corpos dos que morrem no hospital durante a noite e dos escravos ou indigentes, sepultados gratuitamente, sendo o terreno reaproveitado ano após ano¹⁰.

Talvez por falta de escolha, os escravos eram sujeitos a tal tratamento. Não podemos dizer ao certo se a ausência de referências cristãs em seus funerais era uma falta de atenção de quem retratava, ou se simplesmente era nula a aceitação da fé nos escravos do Rio de Janeiro, o que é pouquíssimo provável. Mesmo com a aceitação da fé:

“(...) are Roman Catholics. Many of them, however, continue their heathen practices.

In 1839, Dr. Kidder witnessed in Engenho Velho a funeral, which was of the same kind as those curious burial customs which the African traveler beholds on the Gaboon River.”¹¹

Philippe Ariès chama a atenção para o fato do século XIX ser um marco para a criança, no sentido de que ela finalmente passa a ser vista definitivamente como diferente de um adulto, sendo então diferenciado seu tratamento em todos os sentidos, inclusive na morte. Em uma sociedade em que a mortalidade infantil era razoável, o acontecimento não era raro de se presenciar, sendo retratado pelos mais diversos viajantes que aqui estiveram.

Ainda falando dos escravos, suas crianças eram tratadas de forma notoriamente melhor. Com semelhante bandeja ao dos adultos, obviamente menor, o corpinho era conduzido sobre um pano branco (cor repetidamente usada na tradição africana para simbolizar o luto ¹²) enfeitado de flores, ramalhetes e outros enfeites relativamente alegres.

“Atrás do negro seguia uma multidão promíscua no meio da qual cerca de vinte negras e numerosas crianças, quase todas adornadas com tiras de pano vermelho, branco e amarelo, entoavam algum cântico etíope cujo ritmo marcavam com um trote lento e cadenciado; o que levava o corpo, parava freqüentemente e girava sobre os pés como se dançasse” ¹³

Kidder também aponta ter percebido uma exagerada gesticulação, de modo que não pode distinguir se se tratava de alegria ou tristeza, mesmo na mãe da criança. A criança era levada então até a Igreja onde entregavam o corpo ao sacristão e ao vigário.

Em linhas gerais, a morte da criança era percebida pelos viajantes, mais como um momento de júbilo que um momento de luto. John Candler, na metade do século, descreveu que esses cerimoniais mais se pareciam com festivais, mesmo os toques de sino feitos “as if for joy” ¹⁴ assim como, em sua percepção, parentes e amigos se congratulando, criavam um clima de estranha descontração de tal forma que a exacerbação de sentimentos positivos e o exagero em cores e formas foram notados por todos aqueles viajantes que tiveram a oportunidade de presenciar um funeral infantil.

Mas se engana aquele que supõe que esse seria um sinal de desprezo pela criança, Ewbank e outros viajantes apontam para a crença na certeza da salvação da alma infantil como possível explicação para esse desprendimento.

O fato é que, como foi dito anteriormente, não havia uma definição certa sobre a separação entre corpo e alma na morte, portanto deveria-se preocupar com a aparência na apresentação ao mundo dos mortos, pois disso poderia depender o destino da alma.

Em 1840, sobre isso, discorreu Thomas Ewbank:

“As crianças com menos de 10 e 11 anos são vestidas de frades, freiras, santos e anjos. Quando se veste de São João o cadáver de um menino, coloca-se uma pena, pois José tinha um cajado que florescia com o de Araão. A criança que tem o mesmo nome que São Francisco ou Santo Antônio usa geralmente como mortalha um hábito de monge e capuz. Para os maiores, São Miguel Arcanjo é o modelo. Veste-se então o pequeno cadáver com uma túnica, uma saia curta presa por um cinto, um capacete dourado (de papelão dourado) e apertadas botas vermelhas. Com a mão direita apoiada sobre o punho de uma espada. As meninas representam ‘madonas’ e outras figuras populares” ¹⁵

Luiz Vailati aponta que existia a crença de que, ao vestir a criança com as vestes imitando as de um santo, a entidade escolhida interferiria sobre ele, o receberia e o guiaria em direção ao Céu.

O cortejo fúnebre era o ponto alto da participação coletiva. Toda a cidade era chamada a participar. Vailati nos chama a atenção para a hora do dia em que era realizado o a procissão fúnebre infantil; Diferentemente dos adultos, a criança era levada de dia, lugar do cotidiano, do familiar. “As procissões diurnas eram índice de que se dava por garantia de salvação (...) cabe uma única atitude, a de louvar o pequeno falecido.” ¹⁶

Luccock, em sua estadia no Rio, teve a interessante experiência de participar, ao menos por poucos momentos de um cortejo fúnebre infantil. Narra ele, que foram tomadas suas mãos e colocadas sob o estrado o qual apoiava o corpo da criança, porém, por medo de ofender o grupo com atitudes ou olhares incompatíveis, deixou-os. Após observar outros funerais como esse, percebeu que seria uma homenagem fina, se tivesse continuado ¹⁷. Candler aponta que a presença dos pais e de parentes muito próximos era incomum, segundo

os costumes o que ajudaria a explicar a impressão geral dos viajantes sobre a leviandade de tais funerais.

E assim se dava o cortejo e as homenagens: Feitas pelos familiares, amigos e por qualquer outra pessoa que o fizesse de boa vontade. O cortejo era, além de uma homenagem ao morto, um ato público, um espaço comum de socialização.

Os Ritos Fúnebres

“Chegava um momento em que a agonia do doente exauria aqueles reunidos em volta dele, os quais, (...) deixavam de pedir por sua saúde para solicitar sua morte. (...).

Essa proteção humana que cercava a hora da morte em nossa antiga cultura funerária era fruto de uma sociedade pouco individualista, em que a vida e a morte privadas ainda não haviam sido reduzidas ao pequeno mundo da família nuclear tipicamente burguesa.”¹⁸

A religiosidade popular funerária, apesar de variável, tinha alguns pontos regulares, que possibilitam uma descrição geral do que se dava nos ritos fúnebres. No Rio de Janeiro do século XIX, a morte quando previsível e esperada era vista com olhos de luto, mas relativamente com bons olhos. A ‘boa morte’, como descreve Ariès e João José Reis (e como pode ser visto nos relatos), se dava na casa do moribundo, com preparações que assegurassem a salvação da alma. A família era chamada, o padre era convocado, o testamento redigido ou ditado, dependendo da alfabetização do moribundo. Após as despedidas, era realizada a extrema unção, e o corpo seguia para o local de enterro (Igreja ou Cemitério de Irmandade). A preocupação minuciosa com a ritualidade era tamanha que pessoas temiam viajar e encontrar seu fim, sem a devida preparação para o encontro com o juiz das almas. O grande exemplo de ‘boa morte’ está na virgem Maria, por meio do culto de Nossa Senhora da Boa Morte, a glorificação do corpo e da alma é expresso e tido como exemplo, na passagem de Maria ao paraíso.

“a velhice (...) era caracterizada pela preparação para a morte por meio do ‘Rosário à noite, testamento e missa diária’.

Era importante não ser tomado de surpresa pelo último ato entre os vivos. Daí por que a morte acidental, prematura, sem os ritos devidos, era vista como grande desventura, que fazia sofrer a alma de quem partia e a consciência de quem ficava. A morte devia ser de alguma forma anunciada (...)”¹⁹

Diz o francês Philippe Ariès: “A morte no leito de outrora tinha a solenidade, mas também a banalidade (...). Esperava-se por ela e todos se prestavam, então, aos ritos previstos pelo costume. (...) [A paixão] é agitada pela emoção, chora, suplica e gesticula”²⁰. Circundado por parentes e pelo padre²¹, o morto recebe a extrema-unção e após a infeliz conclusão é preparado para que se inicie o funeral, o cortejo e o enterro em si. A partir da morte temos particularidades interessantes: o cortejo era composto por amigos do moribundo e por familiares cuja proximidade consanguínea não fosse demasiada; pai, mãe, irmãos, esposa (o) em geral não participavam do cortejo, sendo a reclusão e o luto sua reação mais esperada e comum. O cortejo em si seguia até a igreja e de lá ao local de enterro.

É grande o destaque dado pelos viajantes e pela bibliografia, a respeito da pompa fúnebre²², característica também de boa parte das festas populares. Era comum o uso de uma carruagem para carregar o corpo, e como os funerais de adulto costumavam se dar à noite, usavam-se suntuosas tochas. No caso das roupas, havia um grande gasto com vestidos e adornos para o morto, panos coloridos gemas; as crianças costumavam ser vestidas de santos ou anjos²³, conforme seus nomes ou devoção de seus pais.

Ewbank aponta o uso de vestimentas e caixões pretos para viúvos; vermelho, escarlate e azul para jovens. Reis, em pesquisa acerca da vestimenta adotada pelos moribundos do Rio de Janeiro no século XIX aponta que 13% usavam roupas do dia-a-dia, 57% usavam mortalhas de santos e outros 13% usavam roupas em cores. Ewbank aponta gastos “from \$50 to \$1000”²⁴ na totalidade dos serviços fúnebres.

Tais gastos muitas vezes já eram previstos nos testamento²⁵, que também continham outros traços de religiosidade. Mesmo quando estes pareciam ser ditados. Porém em uma amostra de mais de 30 testamentos da cidade de Campanha da Princesa em Minas Gerais, não foram encontrados nenhum indício de religiosidade por parte do moribundo, mesmo os escravos²⁶ sendo padres.

Outra particularidade regional interessante à respeito dos funerais é apontada pela autora Maria Aparecida Borges de Barros Rocha em sua dissertação de mestrado pela UFMT, que não engloba a necessidade da pompa, como diferencial dentro da salvação da alma na cidade de Cuiabá. Para ela, era normal que moribundos de pouco poder aquisitivo se apropriassem de cerimônias simples, já que de acordo com ela:

“é bastante compreensível, pois esse não é o momento para demonstração de soberba e poder. Pelo contrário, é quando se faz necessário que o moribundo se desprenda de tudo o que é material e se volte apenas para a salvação de sua alma, indicando para o corpo apenas um enterramento cristão”.²⁷

A autora diz que na mentalidade da época, o ideal de funeral, mesmo se tratando de pessoas de posse, se fazia:

“com discrição, sobriedade ou mesmo simplicidade. Afinal, no pós-morte era importante deixar de lado todas as vaidades em nome da busca da tranqüilidade eterna. Hora de deixar-se enveredar pelos caminhos da fé em busca da salvação da alma, já que o corpo está diante do fim.”²⁸

Diferente da importância dada às festas e ao louvor de Deus e dos santos de cidades como Rio de Janeiro e Salvador, exposto na pompa destas, onde havia um grande desejo de se agradar os santos e a Deus, e o uso dos bens e dos recursos (mesmo mediante endividamento) poderia ser visto como valor de sacrifício e valorizado como demonstração de fé.

Rocha aponta exemplos de pedidos, em testamento, por missas a serem realizadas no cemitério, acompanhando o enterramento fato incomum em outras cidades, onde a missa era encomendada para ser realizada na Igreja nos dias e meses seguintes à morte do referido. A autora aponta que apenas no fim do século XIX em Cuiabá, os enterramentos em cemitérios de irmandades, localizados no interior de cemitérios públicos. Sua observação em relação à Cuiabá dá a entender que a influência das Irmandades, na cultura fúnebre local, não se fazia grande, em comparação às cidades como Mariana, Rio de Janeiro e Salvador.

Os Viajantes

Vindos em massa principalmente após a liberalização ditada pela coroa portuguesa no século XIX, os viajantes estrangeiros buscaram retratar o país em seus escritos conforme seus objetivos ou conforme as circunstâncias. Lahuerta destaca o caráter investigador dos viajantes naturalistas, que não classificam a natureza americana em critérios de superioridade ou inferioridade em relação à européia; Apesar das publicações do IHGB ainda naquele século muitas vezes usarem destes para divulgarem as idéias de que os ‘bosques têm mais vida’ no Brasil. Porém os viajantes que foram buscados para a realização deste trabalho têm em comum a origem anglo-americana, e o caráter religioso ou ocasional de sua visita, o que nos permite coletar por meio deles um olhar mais aguçado para tradições fúnebres populares de

inspiração católica, e ao mesmo tempo coletar uma observação mais objetiva sobre o que os marcou, em detrimento do caráter objetivo que a maior parte dos viajantes naturalistas tem.

Trocando em miúdos, foram consultados os relatos do missionário norte-americano Daniel Kidder; do cientista inglês Thomas Ewbank; do comerciante inglês Thomas Lindley; dos missionários Charles Samuel Stewart e William Ellis; do inglês anti-escravagista membro da sociedade quaker 'Religious Society of Friends' John Candler; e do comerciante inglês John Luccock. Em versões da língua natal e em português, a pesquisa foi conduzida considerando as especificidades e peculiaridades consideradas pela História Cultural e por Carlo Ginzburg, na investigação específica de costumes e dia-a-dia, âmbito o qual autores contemporâneos como Lahuerta, Vailati e outros, ainda consideram frutífero o estudo de relatos de viajante, fonte muito estudada.

Partindo desse princípio que tais fontes, ainda podem ser muito aproveitadas no que tange aos costumes, a pesquisa foi conduzida. As primeiras impressões tidas após a leitura dos relatos, condisseram com as expectativas. A visão sobre o outro, a questão da alteridade, nos relatos lidos é de interessante observação; a intenção descritiva tomada pela maior parte dos missionários ou religiosos (todos de origem protestante) é clara e está relacionada ao estranhamento. No geral entre os viajantes consultados algumas evidências são pormenorizadas de tal forma que é difícil não pensar que são novidades a seus olhos: "There appeared to be little solemnity on the minds of a majority; much whispering and smiling, with nods of recognition; and the whole service seemed to be viewed more as a matter of parade than a devotional rite"²⁹.

Como visto acima, há um estranhamento pelo ambiente pouco solene e de certa forma descontraído, por parte de Charles Stewart, ao narrar um funeral de um Oficial Militar. Estranhamento semelhante é visto em John Candler ao acompanhar um funeral de anjinho (infantil): "when the child dies, the parents are so certain of its felicity, according to the dogmas taught by the Church, that they put on no mourning habiliments, but act (...) as if for joy"³⁰. E em Thomas Lindley que coloca os funerais como uma das principais diversões dos cidadãos: "The chief amusements of the citizens are the feasts of the (...) sumptuous funerals (...). Scarcely a day passes that some one or other of these festivals does not occur". Thomas Ewbank, apesar dos detalhes descritos, descreve o funeral de uma Condessa, cuja pompa foi grande, ouvindo basicamente relatos acerca de outros costumes fúnebres; segundo Ariès a pompa fúnebre era constante em enterros de personalidades ou nobres na Inglaterra Anglicana, o que explicaria a ausência de expressões claras de surpresa ou estranhamento.

Tais reações de surpresa obtidas nos relatos supracitados podem ser explicadas pelas colocações de Ariès, a respeito da racionalização e domesticação do funeral empreendido pela fé anglicana, luterana e calvinista, a partir do Século XVII. É verdade que a religiosidade católica trazida pelos portugueses, e que o luto católico se diferencia do luto anglo-protestante, porém não se deve desconsiderar a particularidade da religiosidade fúnebre brasileira, como expressão de uma religiosidade popular local. Stewart, Candler e Lindley deixam claras as diferentes experiências e convivências vividas por eles, mesmo em países de fé católica e ainda assim os funerais brasileiros lhes foram estranhos.

Fortalecendo a problematização acima (para concluirmos), podemos destacar na primeira metade do século XIX, o missionário Daniel Kidder, que relatou um fato que merece realce; logo no começo de seu trabalho no país, em companhia de seu colega de trabalho, abriram as portas de um estabelecimento no Rio de Janeiro disponibilizando para doação centenas de Bíblias, trazidas por eles. Nada demais seria se em par de dias não houvesse esgotado todo o estoque³¹. Da mesma forma, o clérigo anglicano irlandês, Robert Walsh, no

mesmo período que Kidder, se surpreendeu ao ver uma biblioteca particular dotada de três exemplares do Velho e Novo Testamento e de alguns outros títulos; isso no Rio de Janeiro.

É completamente compreensível que no período em questão, ainda existisse significativo desconhecimento das Escrituras Cristãs por parte dos fiéis, porém no Brasil esse desconhecimento era gigante. Eram poucos os alfabetizados, como observa outro viajante, John Luccock, mesmo na maior cidade da América do Sul³², e mesmo esses, careciam da leitura básica. Esse vazio, do ser cristão, mas não saber bem sê-lo, era preenchido pelo imaginário popular e pelas tradições formadas no período colonial, da fusão do que se sabia com o que se supunha; incorporados na chamada religiosidade popular.

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente* (Trad. por Priscila Viana de Siqueira). Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CANDLER, John. *Narative of a recent visit to Brazil*. London: Edward Marsh, 1853.

DABADIE, F. *A Travers L'Amérique du Sud*. Paris: Ferdinand Sartorius, éditeur, 1858.

EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil* (trad. Jamil Almansur Haddad). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo, 1976.

KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanência nas províncias do Sul do Brasil: Rio de Janeiro e São Paulo: compreendendo notícias históricas e geográficas do Império e das diversas províncias*. Trad. por Moacir N. Vasconcelos. Editora Itatiaia: São Paulo. 1980.

LAHUERTA, Flora Medeiros. Viajantes e a construção de uma idéia de Brasil no ocaso da colonização (1808-1822) In: *Scripta Nova*. Vol. X, N° 218 (64), agosto de 2006. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-218-64.htm>>. Acesso em: 02/03/08.

LINDLEY, Thomas. *Narrative of a Voyage to Brazil*. London: Printed for J. Johnson. St Paul's Church-Yard: 1805.

LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país de 1800 a 1818* (tradução de Milton da Silva Rodrigues). São Paulo: Livraria Martins, 1942.

REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 1995

_____. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. *Igrejas e Cemitérios: As transformações nas práticas de enterramento na cidade de Cuiabá – 1850-1889*. Cuiabá: UFMT, 2001.187 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em História, Instituto de Ciências

Humanas e Sociais, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2001.

SANTOS, Luiz Gonçalves dos. *O catholico e o methodista*. Rio de Janeiro: Imp. de I.P. da Costa, 1839.

STEWART, Charles Samuel. *A visit to the South Seas in the U.S. Ship Vicennes, during the years 1829 and 1830; with notices of Brazil, Peru, Manulla, the Cape of Good Hope, and St. Helena*. London: Fisher, Son, & Jackson, 1832.

VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de anjinho na literatura de viagem. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 22, n. 44, p. 365-392, 2003.

¹ EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil* (trad. Jamil Almansur Haddad). Belo Horizonte: Ed. Itatiaia: São Paulo, 1976. p.66-71

² LUCCOCK, John. *Notas sobre o Rio de Janeiro e partes meridionais do Brasil tomadas durante uma estada de dez anos nesse país de 1800 a 1818* (tradução de Milton da Silva Rodrigues). São Paulo: Livraria Martins, 1942. p. 38

³ KIDDER, Daniel Parish. *Reminiscências de viagens e permanências no Brasil*. Trad. por Moacir N. Vasconcelos. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2001. p.158

⁴ EWBANK, Thomas. Op.cit. p.69

⁵ VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de anjinho na literatura de viagem. In: *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 365-392, 2003. p. 368

⁶ LUCCOCK, John. Op. cit. p. 38-39

⁷ KIDDER, Daniel Parish. Op.cit. p.153-154

⁸ Ibidem. p.154

⁹ LUCCOCK, John. Op.cit. p.39

¹⁰ KIDDER, Daniel Parish. Op.cit. p.154

¹¹ Ibidem. p. 136

¹² Ver: ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente* (Trad. por Priscila Viana de Siqueira). Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

¹³ KIDDER, Daniel Parish. Op.cit. p.155

¹⁴ CANDLER, John. *Narative of a recent visit to Brazil*. London: Edward Marsh, 1853. p.44

¹⁵ EWBANK, Thomas. Op.cit. p.45

¹⁶ VAILATI, Luiz Lima. Op.cit. p. 373

¹⁷ LUCCOCK, John. Op.cit. p.40

¹⁸ REIS, João José. "O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista". In ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). *História da Vida Privada no Brasil*. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p.108

¹⁹ Ibidem. p.101

²⁰ ARIÈS, Philippe. Op.cit. p. 66

²¹ KIDDER, Daniel Parish. Op.cit. P.145

²² No original, CANDLER, KIDDER e EWBANK usam da palavra 'pomp': literalmente pompa. STEWART descreve a pompa, se debruçando sobre as características do funeral, sem usar da mesma palavra. LINDLEY expressa-se usando 'sumptuous funerals'.

²³ Para mais sobre os funerais infantis recomenda-se ver os trabalhos de Luiz Lima Vailati.

²⁴ EWBANK, Thomas. Op.cit. p.69

²⁵ REIS, João José. *A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

²⁶ O plural é usado devido à significativa alteração na caligrafia conforme as décadas. Os testamentos foram usados graças ao projeto de mapeamento e catalogação de documentos da cidade de Campanha / MG, empreendido pelo CEMEC-SM e pela FAF/SION.

²⁷ ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. *Igrejas e Cemitérios: As transformações nas práticas de enterramento na cidade de Cuiabá – 1850-1889*. Dissertação de Mestrado UFMT. Cuiabá: 2001. p. 134-135

²⁸ Ibidem. p.140.

²⁹ STEWART, Charles Samuel. *A visit to the South Seas in the U.S. Ship Vicennes, during the years 1829 and 1830; with notices of Brazil, Peru, Manulla, the Cape of Good Hope, and St. Helena*. London: Fisher, Son, & Jackson, 1832. p.49

³⁰ CANDLER, John. Op.cit. p.44

³¹ KIDDER, Daniel Parish. Op.cit. p.121-123

³² LUCCOCK, John. Op.cit. p. 22